



**HAL**  
open science

## A aventura demografica das Americas

Gérard-François Dumont

► **To cite this version:**

Gérard-François Dumont. A aventura demografica das Americas. Revue Défense Nationale, 1997, pp.1-16. hal-01557062

**HAL Id: hal-01557062**

**<https://hal.science/hal-01557062>**

Submitted on 5 Jul 2017

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Gérard-François Dumont  
Catedrático da Sorbona

# A Aventura Demográfica das Américas



Université de Paris-Sorbonne  
Institut de Démographie Politique  
1997

# A aventura demográfica das Américas

Gérard-François DUMONT

*Demografia, defesa, economia...estão interligados. Por isso estimamos a publicação deste artigo sobre a evolução da demografia nas Américas de maior interesse. O autor, Gérard-François Dumont, é o actual reitor da Academia de Nice, chanceler das universidades; estamos felizes por o acolher uma vez mais, visto este autor ter já recentemente participado na nossa revista.*

De todos os continentes, a América viveu a mais fantástica aventura demográfica desde o século XVIII. Em 1800, o povoamento da mesma (27 milhões de habitantes), três vezes inferior ao da África, só representa 2,8% da população mundial. Em 1995, passou para 13,6% e a população atingiu 774 milhões.

## O NASCIMENTO DEMOGRÁFICO DO CONTINENTE AMERICANO

Os séculos XIX e XX assistiram ao nascimento demográfico de um continente, que mudou o mundo; foi um nascimento simultâneo nas duas partes do continente. A América do Norte tem 6 milhões de habitantes em 1800. Em 1995, são estimados em 293 milhões. O peso demográfico relativo passou deste modo, de 0,7 para 5,1%. O crescimento da América Latina (América Central, Caraíbas e América do Sul) é menos importante, mas no entanto muito maior que o da Europa, porque passou de 19 milhões em 1800 (2,1% da população mundial) para 481 milhões em 1995 (8,5% da população mundial).

A demografia sendo uma ciência de longa duração<sup>1</sup>, é indispensável compreendermos as razões que podem explicar a evolução deste continente, razões explicadas pela imigração, pelos níveis de fecundidade e pelo processo de transição demográfica, sem que nos seja fácil desmaranhar os efeitos respectivos destas três causas. A visão actual obriga-nos a interrogarmos sobre as realidades demográficas de hoje, assim como sobre as lições que daí tirarmos para o futuro.

### Diversidade dos fluxos migratórios

O povoamento da América provém primeiramente da imigração ou antes das imigrações, pois houve diversas vagas migratórias a diferentes épocas, provindo de países não menos variados. Convém, por exemplo distinguir os primeiros imigrantes, espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, depois as vagas irlandesa, alemã e italiana, sem descurar a importação dos escravos negros<sup>2</sup>.

Não se pode estabelecer uma relação entre o símbolo que representa o *Mayflower* e o seu peso demográfico. Os «peregrinos» puritanos ingleses, que partiram dia 6 de Setembro de 1690 de Southampton e que vão fundar Plymouth, são um punhado de cinquenta pessoas. O peso económico que representam é pois ínfimo, num continente que contava já com uma população dispersada estimada entre 500 000 e 1 500 000 de habitantes; mas são estes os primeiros colonos que se instalam nessa terra e aprendem a cultivar o milho. O exemplo destes atraiu milhares, depois dezenas de milhares e milhões de pessoas.

Outro exemplo, a vaga migratória irlandesa de 1846-1848. Ela é o resultado das calamidades naturais e mais concretamente da doença da batata, que esteve na origem da grande fome que provocou um choque demográfico considerável: um milhão de mortos e a imigração de outro milhão de pessoas, para uma população estimada, em 1841, em 8 175 000 pessoas. Esta vaga de um milhão de irlandeses parece considerável, mas é só a fase aguda de uma tendência mais durável, pondo em jogo quantidades notáveis, pois há poucos países no mundo que registraram uma emigração tão massiva como a da Irlanda. No período de 1845-1870, o número é avaliado em três milhões de saídas e durante dois séculos, de 1780-1970, avaliado em dez milhões. A Irlanda conheceu assim, especialmente na segunda metade de século XIX, uma verdadeira hemorragia demográfica, passando dos 8 175 000 habitantes acima citados, para 4 705 000 em 1891, uma baixa de 42% apesar de uma fecundidade bastante elevada.

<sup>1</sup> Dumont Gérard-François : *Démographie. Analyse des populations et démographie économique* ; Dunod, Paris, 1992.

<sup>2</sup> Que no desponzar da revolução americana representavam 20% da população. *Histoire des Etats-Unis* ; Economica, Paris, 1980.

## Diversidade das datas dos fluxos migratórios

Na América Latina, as vagas migratórias são nitidamente posteriores às da América do Norte. No entanto, a organização política tinha-se feito antes. O Tratado de Tordesilhas, que data de 1494, levou a que o mundo fosse dividido em duas zonas, uma espanhola para oeste (América) e outra portuguesa para este (África). Ora em 1500 o explorador Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil, e isso permite a Portugal implantar-se na América do Sul. A partir de 1535 a Espanha funda um vice-reinado no México, e mais tarde em 1543 no Perú. Será necessário esperar pela segunda metade do século XIX para se notarem imigrações significativas. A Argentina só se torna num país de imigração por volta de 1860. No Brasil, a partir da época do café, por volta dos anos 1880, este fenómeno começa a ganhar amplitude.

Quanto à emigração italiana em direcção da América, começou a ter peso a partir de 1885, obedecendo a uma cronologia bastante precisa. A preferência vai em primeiro lugar para a Argentina que representa, em 1886, 22% de emigrantes italianos ; em 1889, 39% ; números reduzidos à totalidade, incluindo também a emigração para certos países da Europa que eram privilegiados até 1886. Em 1891, a emigração dos italianos para a Argentina descai para 8%, depois oscila entre 11% e 13% durante os vinte anos seguintes. Em direcção do Brasil, a emigração é mais importante durante o decénio 1890-1900 (entre 7% e 36% consoante os anos), em seguida reduz-se para 2% e 4% de 1901 para 1904. A emigração em direcção da América do Sul vai então ceder o lugar para a que vai em direcção dos Estados Unidos, a qual passa de 16% em 1886, para 43% nas vésperas da primeira Guerra Mundial<sup>3</sup>.

Alguns destes exemplos, mostram bem que o povoamento da actual América, provém de origens migratórias extremamente diversas quanto às suas origens geográficas e à datação. Persiste outra complexidade concernindo as causas destas migrações, cujas diversidade e destriça<sup>4</sup> são incontestáveis.

<sup>3</sup> Demarco Domenico : «L'émigration italienne de l'unité à nos jours» em *Les migrations internationales* ; Edições do CNRS, Paris, 1980

<sup>4</sup> Dumont Gérard-François : *Les migrations internationales. Les nouvelles logiques migratoires* ; Edições Sedes, Paris, 1995.

### O factor político

O factor político é indubitável e não se limita ao exemplo do Mayflower. Numerosas minorias procuraram na América uma resposta à opressão da qual que eram vítimas ou à vontade de abandonar um território no qual reinava um poder pouco apreciado. As emigrações francesas (especialmente quando do período do Terror), as russas (após a revolução bolchevista de Outubro de 1917), as polacas (provocadas pelas partilhas, e em seguida pelo império soviético) ou judias, têm a ver com factores políticos.

No entanto, não poderá fazer abstracção das emigrações provocadas pela miséria resultantes das péssimas políticas dos países de origem. Por exemplo, uma das vagas migratórias da Grande-Bretanha em direcção dos Estados Unidos resulta da política das enclausuras. Ao murar as terras que dantes eram comunas, ao impedir os camponeses de as explorarem por conta própria e nelas colherem lenha e carne de caça, os ricos proprietários reduziam-nos à fome. De 1620 a 1642, 80 000 camponeses britânicos, homens, mulheres e crianças foram obrigados a abandonar as suas aldeias para tentar a aventura de uma fixação na América<sup>5</sup>.

### O factor económico

Já se entrelaçam, nestes exemplos acima citados, os factores político e económico. O nascimento demográfico da América deriva da expectativa económica que este continente fez nascer : vastos espaços, terras virgens, capacidades agrícolas e até uma espécie de lotaria com o atractivo das minas de ouro, que foi imortalizado por numerosos filmes, entre os quais *A Corrida para o ouro*, de Chaplin. O principal factor foi a disponibilidade das terras, diga-se a verdade, tiradas por vezes sem escrúpulos aos seus primeiros ocupantes. Aliás, a América foi primeiramente um continente de agricultores. Foi particularmente o caso dos Estados Unidos que durante muito tempo estiveram dependentes, por causa das suas necessidades industriais, da Europa e especialmente da Grande Bretanha. A fim de fornecer água a S. Francisco, era muito mais simples mandar vir os tubos de Pont-à-Mousson de França, que da Costa Este da Federação.

Por outro lado, a situação económica dos países de destino tem muita importância, eram preferidos segundo as potencialidades mais perceptíveis, as variações conjunturais, a legislação e as facilidades aplicadas às migrações (como por exemplo a concessão de terras).

<sup>5</sup> Hill Christofer : *The Pelican History of Britain* ; volume 2 : *Reformation to Industrial Revolution* ; Penguin Books, Hamondworth, UK, 1969.

## O factor humano

Não se deveria omitir o seu papel. O emigrado em potência sente-se muito mais tentado a concretizar o seu projecto se sabe de antemão que será acolhido por compatriotas já instalados no país de destino. Neste nosso fim do século XX, este tipo de migração é grandemente facilitado, de um lado pelas novas técnicas de comunicação permitindo trocas fáceis e frequentes entre países, por outro pela rapidez e baixo custo dos transportes.

## A transição migratória

O factor migratório é de igual modo uma componente essencial. Com efeito, o modo como se processaram a transição demográfica e o desenvolvimento industrial na Europa, são elementos úteis para o conhecimento da imigração na América. No caso da Europa isso é possível, visto a maior parte dos países deste continente disporem de documentos estatísticos relativos a esse período.

Sabemos que o desenvolvimento da transição demográfica conduz a um aumento sensível da taxa de crescimento natural, que decai quando da segunda etapa de transição. Ora, evidencia-se que a emigração europeia e logo, a imigração americana atingem frequentemente o seu clímax quando a taxa de crescimento natural se encontra nos níveis mais elevados ou por perto dos mesmos. Isto quer dizer que a América recebe uma imigração mais importante provinda de um país considerado de forma isolada quando o mesmo regista diferenças máximas entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade<sup>6</sup> Por exemplo, a taxa de imigração das populações do Reino Unido, da Irlanda, da Alemanha, seguidas da Noruega e da Suécia, culmina nos anos 1880, precisamente no momento em que culmina também, a taxa de crescimento natural. A Noruega enviou para os Estados Unidos dois terços do aumento natural da sua população e a desditosa Irlanda, mais do que a totalidade<sup>7</sup>.

## O triângulo mágico

Aparece assim uma espécie de «triângulo mágico» facilitando a emigração com o encontro dos choques económicos (aumento da produtividade, desaparecimento das empresas tradicionais que já não empregam, concentração industrial levando a restringir a oferta de emprego, fase de conjuntura pouco favorável), com a revolução demográfica (baixa da mortalidade induzindo um

<sup>6</sup> Thomas B. : *Migration and economic growth. A study of Great Britain and the Atlantic community* ; Cambridge, 1954, segunda edição, 1973.

<sup>7</sup> Hobsbawn E.J. : *The age of capital* ; Abacus, Londress, 1995.

aumento do crescimento natural) e com as capacidades acrescidas no transporte, especialmente pela via marítima. Este último aspecto é essencial, visto que ao longo deste período que precede o aparecimento da aviação e particularmente a de massa, as taxas de emigração atingem um grau mais elevado nos países marítimos em relação aos continentais. A indústria naval adapta-se às necessidades que se manifestam, com rapidez tanto em número como em tonelagem dos barcos lançados<sup>8</sup>.

### Os países mais atractivos

Entre 1821 e 1833<sup>9</sup>, o conjunto das causas da emigração vai induzir uma emigração considerável, especialmente para a América. Com efeito, durante este período, entre os onze países que recebem mais de 500 000 imigrantes, só quatro não são americanos : a Austrália, a África do Sul, a Nova Zelândia e a Maurícia. Estes países receberam 4 932 000 imigrantes isto é, uma proporção limitada, 8,71% do total, conquanto que os sete outros, todos na América, receberam 51 856 000. Esses contributos foram aliás repartidos de forma bastante desigual, pois os Estados Unidos ficaram com o melhor quinhão, com 34 244 000 imigrantes<sup>10</sup> ou seja, 66% do total. Em seguida, temos a Argentina (6 405 000), o Canadá (5 906 000), o Brasil (4 434 000), Cuba (857 000) e o Uruguai (713 000).

Se relacionarmos os fluxos da imigração à população inicial, a classificação é ligeiramente diferente. Segundo as estimativas, o Uruguai, cujos imigrantes teriam representado oito vezes a população inicial, o Canadá 5,5 vezes mais, a Argentina 5 vezes mais tal como os Estados Unidos, cuja população foi estimada em 10 701 000, em 1821. O Brasil e Cuba estão numa situação um pouco diferente. Com efeito a população do primeiro ficou estimada em 4 028 000 em 1821 e acolheu até 1933, 4 431 000 migrantes transoceânicos. A data de 1821 corresponde a um acontecimento político de maior importância, porque foi em 1822 que se proclamou a independência do Brasil, à qual se associou um renovo económico e uma vontade de abertura aos estrangeiros a fim de povoar aquele vasto território e de fornecer uma mão de obra a uma nova cultura económica, anteriormente citada, a do café. A população de Cuba estava estimada em 1901 em 1 587 000 almas. A imigração aumentou este número para 54% entre 1908 e 1932.

### Efeitos indirectos

<sup>8</sup> A tonelagem dos navios a vapor passa de 32 000 tonéis em 1831 para 3 293 072 em 1876 : é assim multiplicado por 100 em 40 anos. Entrementes foram colocados 310 000 quilómetros de via férrea. Von Neumann Spallart : *Übersichten der Weltwirtschaft* ; Stuttgart, 1880, citado por Hobsbawn, *op. cit.* A tonelagem mundial atingiu 68 500 000 tonéis em 1939 e 136 000 000 tonéis em 1961.

<sup>9</sup> A escolha destas datas resulta dos dados estatísticos disponíveis.

<sup>10</sup> Chesnais Jean -Claude : *La transition démographique* ; Puf, Paris, 1986.

A imigração contribui para o nascimento ou para o renascimento demográfico da América através dos efeitos directos (vinda de população) e indirectos. As estatísticas dão muitas vezes a impressão que o aumento demográfico é a soma de um saldo natural (natalidade menos mortalidade) e de um saldo migratório (imigrantes menos emigrantes) como se estes fenómenos fossem independentes, como se as chegadas migratórias fossem estéreis. Ora é evidente que o saldo migratório vem influenciar o saldo natural pelo menos de duas maneiras. Por um lado, os imigrantes trazem consigo o poder ou o desejo de procreação e *ceteris paribus* contribuem para o aumento o número de nascimentos. Por outro lado, mesmo que aumentem o número de falecimentos, têm muitas vezes o efeito de diminuir a taxa de mortalidade, visto que têm geralmente uma repartição por idade bastante interessante ( são os jovens que se expatriam) . ademais, a emigração operou inevitavelmente uma selecção : supõe geralmente um estado de saúde mais satisfatório do que a média.

Por conseguinte, quando as estatísticas indicam a quota líquida da imigração no crescimento total da população, este número é apenas parcial, visto que é necessário acrescentar o efeito da imigração sobre o saldo natural. *In fine*, seria excessivo afirmar que a América seria pouco povoada se não tivesse beneficiado da imigração. Efectivamente, podemos admitir que se a sua população tivesse crescido como a média das populações do mundo, ela teria passado de 12 milhões, número estimado para 1750<sup>11</sup>, para 86 milhões em 1995, número claramente inferior aos 774 milhões avaliados.

Este último número é o resultado da imigração em conjunto com os diferentes factores políticos, económicos, demográficos e espaciais que a determinam. Já constatamos que a imigração não se pode compreender sem levar em conta as transformações demográficas dos países de origem em particular da Europa. Entretanto, para a melhor compreender, é necessário levar também em conta as transições demográficas próprias dos países da América.

## OS EFEITOS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA

À semelhança dos demais, os países da América conheceram um processo de transição demográfica<sup>12</sup> com intensidades e períodos diferentes em cada um dos casos. Como é de conhecimento geral, este processo é accionado pela evolução da mortalidade que se reduz mais ou menos cedo e mais ou

<sup>11</sup> No que respeita aos valores da população da América nos séculos passados, houve bastante controversa. Houdaille Jacques : «La population d'Amérique» ; *Population*, vol. 41, n° 3, maio-junho, 1986.

<sup>12</sup> Dumont Gérard-François : *Le monde et les Hommes. Les grandes évolutions démographiques* ; Edições Litec, Paris, 1995.

menos rapidamente de acordo com as datas de adopção e com os sistemas de difusão de melhores condições de higiene e de técnicas sanitárias mais desenvolvidas.

### O exemplo do México

Vejamos o exemplo do México, que em 1995 ainda é o segundo país da América Latina pelos efectivos da sua população (calculada em 93,7 milhões em 1995) logo a seguir ao Brasil (157,8 milhões) e o terceiro de toda a América, sendo os Estados Unidos os mais povoados (263,2 milhões). Recordemos ainda que o México foi um país de imigração, ainda que a entrada de estrangeiros nunca tenha sido tão massiva como nos Estados Unidos e ainda que o peso demográfico das populações indígenas tenha sempre sido preponderante<sup>13</sup>. Alguns indicadores demográficos ao longo do século XX mostram claramente o efeito da transição demográfica. Antes de mais, o México antes desta transição, isto é, antes dos anos 30, conheceu variações irregulares da natalidade e da mortalidade sendo ambas de nível elevado, inferindo um saldo natural ligeiramente positivo, nulo ou ligeiramente negativo de acordo com as circunstâncias.

Assim, durante a década de 1910, durante o período da luta armada e da revolução, a natalidade parece decrescer em razão de uma elevada mortalidade principalmente nas gerações em idade de procrear. Efectivamente, a população diminuiu passando de 15 100 000 em 1910 a 14 800 000 em 1921. A baixa da mortalidade resultante da difusão de métodos sanitários mais eficazes só começa nos anos 1930, a partir dos quais a mortalidade decai de forma duradoura, abaixo de 30 por mil. Este decréscimo manter-se-á ao longo dos anos. A taxa de mortalidade em 1995 é uma das baixas do mundo, com 5 por mil, um decréscimo de 74% em comparação com 1945. Ao mesmo tempo, a mortalidade infantil, recua numa proporção considerável, passando de 111 por mil em 1945, a 34 em 1995. Dito de outra forma, em 1945, em cada 100 recém-nados, onze morriam antes de atingirem a idade de um ano. Em 1995, morrem menos de quatro. Estes progressos aumentam de forma significativa a esperança de vida, que era de 37 anos em 1930, atingia 62 anos em 1962 e passou a 72 anos em 1995. A longevidade média esperada para cada novo nado mexicano dobrou em duas gerações. Trata-se de uma evolução inédita e considerável, que tem como consequência automática um aumento da população ; este aumento revela-se ainda mais importante pelo facto da natalidade permanecer elevada até aos anos 60, ao passo que a mortalidade estava já nitidamente em baixa ; o crescimento natural, que chegou a ser

<sup>13</sup> Monnet Jérôme : *Le Mexique* ; Nathan, Paris, 1994.

negativo em alguns anos no início do século, parece atingir o máximo nos anos 60, tendo a mortalidade sido dividida por três.

#### Alguns indicadores demográficos respeitantes ao México

Ano	População (milhões)	Natalidade (por mil)	Mortalidade (por mil)	Crescimento natural	Índice de fecundidade	Mortalidade infantil (por mil)
1905	14,3	34	33,1	0,9	n.d.	n.d.
1915	14,9	30	32	0	n.d.	n.d.
1925	15,2	33,1	26,5	6,6	n.d.	n.d.
1935	18,1	42,3	22,6	19,7	n.d.	n.d.
1945	22,7	44,9	19,5	25,4	n.d.	n.d.
1955	30,3	46,4	13,3	33,1	5,95	83,3
1965	41,5	44,1	9,8	34,3	6,20	64,5
1975	60	37,5	7,2	30,3	5,39	52,8
1885	79,7	32	6	26	4,7	53
1995	93,9	27	5	22	3,1	34

Fonte : APRD

Os números são estimados a partir de Chesnais (*op. cit.*), dos *World Population data Sheets* e do INEGI (*Instituto Nacional de Estadística de Geografía e de Informática*, México). Estes são por vezes diferentes dos mencionados por Maria Eugénia Cosío-Zavala, *Changement de fécondité au Mexique et politiques de population*, L'Harmattan, Paris, 1994. Todavia, este livro exclui do seu conteúdo a questão da mortalidade, que é no entanto essencial para a análise das alterações de fecundidade o que nos parece não permitir uma abordagem cabal da evolução demográfica mexicana.

### Desaceleração

É durante os anos 60 que o México entra numa fase de desaceleração do crescimento natural. A imutabilidade das condições acabou por fazer diminuir o índice de fecundidade e de natalidade, mas o primeiro decresce muito mais depressa que o segundo. Com efeito, de 1965 a 1995, numa geração a fecundidade baixa exactamente metade (de 6,2 a 3 crianças por mulher). Ao mesmo tempo a natalidade baixa 39% (de 44,1 a 27 por mil) e a taxa de crescimento natural 36% (de 34,3 a 22 por mil).

É que convém considerar os fenómenos de velocidade adquirida, isto é «de cruzeiro», tão importantes em demografia. Encontramo-nos na situação de um navio que continua durante algum tempo no seu lance já depois do comandante ter dado a ordem de parar as máquinas. A fecundidade foi dividida por dois, mas ela incide em gerações em idade de proersar mais numerosas e a natalidade (número de nascimentos registados) baixa portanto menos que a fecundidade (nascimentos relativos à população composta por mulheres entre os 15 e os 49 anos). No entanto, a desaceleração é bem clara. Numa primeira fase, a taxa de crescimento diminuiu, mas o excedente anual dos nascimentos continuou a aumentar porque a natalidade aplicava-se a uma população mais numerosa ao passo que a mortalidade decrescia.

Uma segunda fase teve início nos anos 1980, com um decréscimo dos excedentes anuais de nascimentos sobre os mortos. A estimativa de 1985 indicava 3,260 milhões, a de 1965, 2,350 milhões. Assim se processa a lógica da transição demográfica, com a evolução progressiva da população no sentido de uma fase de estabilização a um nível que leva em linha de conta uma longevidade muito maior dos habitantes e dos efeitos do ritmo muito rápido da transição. Na verdade, podemos considerar que a do México, iniciada nos anos 30, poderia terminar por volta de 2010 com um índice de fecundidade igual à taxa simples de sucessão de gerações<sup>14</sup>. Neste caso particular, o México teria efectuado a transicional demográfica em três quartos de século, ou seja mais rapidamente que os países europeus. Ora, uma transição mais curta traduz-se geralmente por uma diferença mais importante entre os efectivos de população atingidos no final<sup>15</sup> e os inicialmente constatados, 16,6 milhões, no que ao México concerne. Aquilo a que denominamos multiplicador transicional, seria então de 7,5, superior ao dos países europeus, mas inferior ao de países de transição tardia e intensa.

América Latina : taxas de crescimento constatadas até 1990  
e posteriormente projectadas pela ONU numa hipótese média

Valor médio de 5 em 5 anos

Fonte : APRD - Pierre Descroix ; dados : *World Population Projections*

O exemplo do México demonstra que os crescimentos demográficos do século XX, por inéditos que sejam, não são fenómenos incompreensíveis, susceptíveis de motivar reacções de medo, mas que resultam de progressos influenciadores na mortalidade e na longevidade.

<sup>14</sup> Ou seja, 2,19 crianças por mulher para os anos 2010-2015. Isso corresponde à hipótese média do *World Population Prospects. The 1992 Revision*, United Nations, New York, 1993.

<sup>15</sup> Na presente hipótese, 215 milhões de habitantes em 2015.

anos e um aumento de pessoas idosas. O ritmo deste envelhecimento é bastante diferente, de acordo com a história demográfica de cada país, mas ele poderia em certas regiões desequilibrar a pirâmide das idades e conduzir a consequências perniciosas. Os Estados Unidos e o Canadá, onde o processo de envelhecimento é mais avançado, veem-no na verdade abrandar como consequência de uma imigração com uma fecundidade mais elevada do que a dos habitantes de origem.

Um segundo tipo de países diz respeito a territórios onde a transição demográfica está prestes a terminar. Globalmente, nestes países, a fecundidade baixou até atingir um nível ligeiramente superior à substituição das gerações, entre 2,6 e 2,4 crianças por mulher. A taxa de crescimento natural baixou francamente e é geralmente inferior a 20 por mil numa fase descendente. Se se verifica por enquanto este valor na Jamaica, é porque a taxa de mortalidade atinge um nível muito baixo (6 por mil), particularmente por causa da baixa mortalidade infantil. Este tipo agrupa por conseguinte três países nas Caraíbas (Dominga, Jamaica, Saint Kitts e Névis) e três na América do Sul (Guiana, Chile e Uruguai).

### Transição avançada ou tardiva

Em terceiro lugar, convém considerar os países de transição avançada ou muito avançada. Têm uma taxa anual de crescimento natural que é inferior a 2,2 por mil, excepto a Venezuela por causa da estrutura por idade, e da baixa mortalidade infantil (20,2 por mil). Onze países da América são deste tipo, entre os quais dois na América Central (Costa Rica e México), quatro nas Caraíbas (República Dominicana, Santa Lúcia, São Vicente, Trinidad e Tobago) e cinco na América do Sul (Argentina, Brasil, Colômbia, Suriname e Venezuela). A Argentina poderia quase ser considerada como que em fase terminal tendo em conta o nível de mortalidade infantil (23,6). Contudo, deixemo-la neste grupo visto que se situa bem nos países cuja fecundidade se mantém a um nível indubitavelmente acima da simples substituição das gerações, mas já inferior a 3,5 crianças por mulher, ou seja cerca de metade dos níveis constatados durante o regime demográfico anterior à transição.

Typologia demográfica nos países da América (1995)

Região geográfica Número de habitantes	Transição terminada	Transição avançada ou bastante avançada	Transição em fase terminal	Transição tardiva
América do Norte 293 milhões	Canadá Estados Unidos			
América Central 126 milhões		Costa Rica México		Belize Guatemala Honduras Nicarágua

## A DIVERSIDADE DEMOGRAFICA DA AMÉRICA

Se doravante considerarmos o conjunto dos 39 países da América, ficamos impressionados pela sua grande diversidade. De facto, a diversidade das populações e das superfícies é por demais conhecida, entre os Estados Unidos, com 283,2 milhões de habitantes e 9 363 387 km<sup>2</sup> e Saint Kitts e Névis, nas Caraíbas, com 40 000 habitantes e 54 km<sup>2</sup>. Do mesmo modo, as densidades são extremamente diferentes entre, por exemplo, os Barbados (609 hab/km<sup>2</sup>), o Salvador (283 hab/km<sup>2</sup>), a Argentina (13 hab/km<sup>2</sup>) ou o Canadá (3 hab/km<sup>2</sup>).

### Tipologia

Desta diversidade, será que podemos extrair um ensaio de tipologia que permite situar a evolução dos países da América nos finais do século XX? Podem ser identificados quatro tipos de países: aqueles que já terminaram a sua transição demográfica, isto é, cujo regime demográfico se caracteriza por uma reduzida mortalidade e uma reduzida fecundidade; aqueles cuja transição se encontra numa fase terminal; aqueles cuja transição está em fase muito avançada porque a mortalidade atingiu um nível fraco ao passo que a fecundidade adoptou uma clara orientação de decréscimo; e por último aqueles que registam uma transição demográfica tardia, a mortalidade, é certo, baixou significativamente mas a importância da fecundidade leva ao registo de taxas de crescimento relativamente elevadas.

Os países onde a transição já terminou caracterizam-se por uma fecundidade geralmente inferior a 2,2 crianças por mulher, portanto igual ou inferior à simples substituição das gerações<sup>16</sup>, por uma mortalidade infantil muito fraca, sempre inferior a 25 por mil, com frequência claramente inferior uma vez que ela é, por exemplo de 7,0 no Canadá e de 8,0 nos Estados Unidos e por uma taxa de crescimento natural igual ou inferior a 1,5 ou até mesmo inferior a 1. Este primeiro tipo diz respeito aos dois países da América do Norte, a nenhum país da América Central ou da América do Sul, mas refere-se a oito países das Caraíbas (Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Cuba, Guadalupe, Martinica, Antilhas Holandesas, Porto Rico). No conjunto verifica-se nestes territórios uma outra característica geral, que é a tendência de envelhecimento da população, marcada por uma redução da proporção de menores de vinte

<sup>16</sup> Schooyans Michel : *Comprendre les évolutions démographiques* ; Editions de l'APRD, Paris, 1995.

				Salvador
Caraíbas 36 milhões	Antígua e Barbuda Antilhas Holandesas Bahamas Barbados Cuba Guadalupe Martinica Porto Rico	R. Dominicana Santa Lúcia São Vicente Trinidad e Tobago	Domínica Jamaica S. Kitts e Névis	Grenada Haiti
América do Sul 319 milhões		Argentina Brasil Colômbia Suriname Venezuela	Guiana Chile Uruguai	Bolívia Equador Paraguai Perú

Fonte : APRD

**Crianças por mulher como índice sintético de fecundidade, e de 2,3 por mil para**

Restam por fim os países cuja transição, tardiva, se pode explicar amiúde pelos atrasos no desenvolvimento em virtude das más escolhas praticadas por alguns regimes políticos. Onze países formam este grupo, dos quais cinco situados na América Central (Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Salvador) dois dos quais nas Caraíbas (Grenada, Haiti), e quatro na América do Sul (Bolívia, Equador, Paraguai e Peru). Estes países registaram sem dúvida uma diminuição da mortalidade, da fecundidade e da taxa de crescimento, mas estas taxas permanecem até hoje, em 1995, a um nível bastante elevado, superior a 3,5 crianças por mulher como índice sintético de fecundidade, e de 2,3 por mil para a taxa de crescimento natural. Além disso, e isto seria a considerar antes de mais, estes países devem realizar progressos significativos a nível da higiene, visto que a mortalidade é neles ainda bastante elevada : é estimada por exemplo, em 1995, a 74 por mil no Haiti, 71 na Bolívia, 60 no Peru e 50 no Equador

Desta feita, a situação é diversificada segundo os países e sê-lo-ia ainda mais do que o mostra a tipologia supracitada, se tivéssemos em linha de conta os dados demográficos a nível infranacional. Utilizar a fórmula «a população do mundo» ao singular é de facto simplista, visto que existem no mundo populações variadas, diferentes : o que convém ter em consideração são «as populações do mundo», ao plural. Do mesmo modo, é preferível dizer «as populações da América» do que «a população da América».

## POPULAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E PROSPECTIVA

Será a elevada dinâmica demográfica da América Latina un handicap impeditivo para o desenvolvimento? Isso não é de forma alguma exacto em comparação com os progressos realizados através dos esforços dos recursos humanos.

Assim, quando se examina o indicador do desenvolvimento humano<sup>17</sup>, composto pela esperança de vida à nascença, pelos níveis de educação e de rendimento, a maioria dos países de América latina aparecem em posição de destaque. Por exemplo, dos 125 países em desenvolvimento considerados, 6, dos 10 primeiros, são de América latina (Barbados, Bahamas, Costa Rica, Belize, Argentina e Chile). O México aparece no 19º lugar e o Brasil no 34º. A América Latina tem ainda, sem dúvida, muito que andar na estrada do desenvolvimento : 44% dos habitantes das zonas rurais e 10% dos habitantes das cidades ainda não dispõem de água potável ; uma vintena de milhões de rapazes e raparigas não têm acesso ao ensino secundário ; em certas metrópoles latino-americanas, mais de 100 000 crianças vivem na rua ; por motivos de guerras e distúrbios civis, o continente regista 150 000 refugiados...

Os progressos foram no entanto consideráveis : a esperança de vida à nascença é de 90% comparada ao nível registado nos países industrializados, a taxa cumulada das inscrições no ensino secundário e superior, foi multiplicada por mais de oito, passando de 4 a 31 milhões de alunos de liceu entre 1960 e 1991. A taxa de mortalidade infantil baixou para mais de metade de 1960 a 1992, passando de 105 para 45 falecimentos para mil nascenças viáveis...

Quais são as perspectivas ? Tendo em consideração as lógicas demográficas, a totalidade das populações da América Latina prosseguirá o seu crescimento, mas segundo um ritmo claramente inferior ao registado durante a segunda metade do século XX. Desde 1990, a taxa de crescimento demográfico do continente já diminuiu para 19 por mil (e sem dúvida até menos tendo em consideração as imperfeições estatísticas), quer dizer, um decréscimo de 32% numa geração em relação à taxa de 27,8 por mil registado durante o período 1960-1965.

### Perspectivas

De facto, no respeitante aos primeiros trinta anos do século XXI, e excepto transformações estruturais dificilmente previsíveis, a América deveria, segundo os países, conhecer três tipos de evolução :

Por um lado, a dos países com crescimento muito moderado, onde se inclui a América do Norte e a dos países cuja transição parece em fase terminal, como o Chile ; por outro lado, a dos países com um crescimento ainda significativo apesar da nítida tendência para uma diminuição. A questão é aliás, saber se a realidade não está abaixo das estimativas quando se verificam

<sup>17</sup> Relatório mundial sobre o desenvolvimento humano 1995 ; Económica, Paris, 1995.

projecções revistas na baixa que foram propostas para diferentes países de África ou para a cidade do México<sup>18</sup>. Diversos recenseamentos desmentiram os cálculos informáticos que não previam baixas tão rápidas da fecundidade. No que concerne as questões demográficas, muitos cometeram talvez um erro idêntico ao que foi cometido com regularidade nos anos 50. Nessa altura, era de maior importância a baixa da mortalidade. Hoje, parecem ser subestimadas a importância e a rapidez da baixa da fecundidade. Último tipo: o dos países onde é mais tardia a tendência para a baixa da mortalidade infantil ou da fecundidade; nesse caso a taxa de crescimento poderia manter-se mais elevada por mais tempo, como ocorre na Bolívia.

Todas estas análises mostram que convém não limitar os nossos conhecimentos demográficos a noções aproximativas ou a esquemas simplistas apresentados amiúde nos média. Um estudo sério sobre questões de populações conduz a refutar os propósitos prematuros e as fórmulas publicitárias anunciando catástrofes estatísticas; mas, em compensação, e conveniente levar em linha de conta os resultados que a análise a frio ajuda a divisar. As histórias demográficas dos países estão inscritas em lógicas dependentes da política de desenvolvimento, da capacidade de mobilizar os recursos humanos, dos progressos sanitários, económicos e sociais e das atitudes culturais específicas a este ou aquele povo.

\* Gérard-François DUMONT  
Reitor da academia de Nice  
Chanceler das universidades

« A Aventura demográfica das Américas »,  
tradução portuguesa por Hermínia Daeden, revisão por  
Michel Schooyans,  
de « L'aventure démographique des Amériques », *Défense  
nationale*, vol. 53, mai 1997, p. 96-112.

<sup>18</sup> Dumont Gérard-François : «As questões decisivas da demografia do século XXI: verdades e lendas»; *Politique Internationale*, nº 72, verão 1996. Dois autores franceses, Claude Batillon e Louis Panabière publicaram em 1988 um livro intitulado: *México de hoje: A maior cidade do mundo*. Actualmente isso é incorrecto visto que México (16,822 milhões de habitantes em 1990) é ultrapassada por Tóquio (828,738 milhões, Nova Iorque- Filadélfia (23,901 milhões) e Seul (17,475 milhões), segundo valores apresentados por Mariconi-Ebrard; *Geopolis*, Anthropos, Paris, 1994. No entanto, atribuir a México o record mundial é um erro vulgar, como por exemplo no *Le Monde* de 14 de 1996. Em contrapartida, quando Cortes penetrou em México em 1519, a cidade asteca, com trezentas mil almas, é mais povoada que qualquer outra cidade da Europa. Ver Gruzinski Serge; *História do México*; Fayard, Paris, 1996.

